



Russell G. Hamilton – uma infância e depois

Russell G. Hamilton - a childhood ever after

Fabiana Carelli¹

Ele preparava tudo, e era uma festa em casa.

Raro, muito raro, esse ritual. Duas vezes por ano, no máximo.

Abria a porta mais fechada do armário do escritório, espreitava a grande caixa do projetor Super 8, tirava o pó das engrenagens, desengavetava os filmes, montava ao lado o projetor de slides. Quantos anos tínhamos? Seis ou sete eu, minha irmã talvez três, ou quatro?

Tinham vivido na América, meu pai e minha mãe, nos anos 1960. Um pouco desbravador, ele. Criança pobre e órfão de pai desde os 13 anos, arrimo de família, contínuo de ferrovia, depois graduado em Pedagogia e a especialização em Psicologia, numa época, há sessenta anos, em que a Psicologia se iniciava no Brasil. Começou com eles e por eles, na verdade: meu pai, minha mãe e seu grupo de professores e colegas da Universidade.

Então decidiu que iria aos Estados Unidos, para se pós-graduar. Foi estudar inglês com uma senhora que lhe vinha em casa, candidatou-se a uma bolsa de mestrado, ganhou, casou-se, foi. Era 1966.

Minha mãe dizia que a única coisa que ele fazia lá era estudar: ler sem parar. Ela querendo passear, ver coisas. Ele a estudar. Um casal de brasileiros na Universidade de Minnesota em 1966. Bolsistas. Sem nunca terem visto neve. Falando um inglês básico. Sem telefone, celular ou internet, as cartas demoravam duas, às vezes três semanas para chegar. O pai da minha mãe, meu avô, morreu dois meses após a partida. Ela só ficou sabendo dessa morte quase um mês depois. Nem pensar em voo da PanAir ou coisa que o valesse para assistir aos funerais. Sem dinheiro para quase nada, os voos para o Brasil eram o quê? a cada quinze dias?

¹ Professora Livre-Docente da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Nesses raros dias da infância em nossa casa, meu pai exibia os filmes e fotos, tirados com a câmera Yashica preta e com a filmadora Super 8 compradas na América. Ela contava as histórias, mulher de todas as histórias: minha mãe. A chegada aos Estados Unidos, sendo recebidos pelos Piper. O grupo de esposas da Universidade, que dava apoio aos familiares dos recém-chegados. O primeiro apartamento, minúsculo, que visitei por fora em 2010 e que, um ano depois, foi trocado por outro, melhor. E a notícia de um certo professor de português, “o Hamilton” (sempre assim, chamado pelo sobrenome e à inglesa, “HAh-milton”), que havia morado no Brasil no início dos anos 1960 e que era uma espécie de embaixador de todos os falantes da língua portuguesa que aportavam em Minneapolis naquela época (e contavam-se nos dedos de uma mão...).

O Hamilton.

Uma das histórias de minha mãe era de que, certa vez, Cherie, esposa do professor, convidara meus pais para uma feijoada em sua casa. Era – então! – 1966. “Feijoada no jantar?”, dizia minha mãe. “Não é lá uma coisa muito brasileira”, prato pesado demais para o horário. E, naquela época, naquele lugar do Midwest americano, ainda não se achavam direito o feijão, as carnes, era preciso comprar de longe, Cherie “importando” de outros estados, às vezes. “E não tinha couve!”, dizia minha mãe com ênfase, “Cherie trocou por espinafre!”

Lá pelas tantas, no jantar, um convidado de origem asiática – não me lembro quem, minha mãe saberia com certeza – colocou pimenta no prato, levou o garfo à boca, queimou todo por dentro. “Water, “water!!!”, gritou. Depois teria olhado para os meus pais com os olhos esbugalhados e dito: “mas então é isso que vocês comem no Brasil??!!”

E então, nesses rituais de imagens e histórias, vinham as fotos do meu pai com o Hamilton no Mall da Universidade de Minnesota, e as das salas de aula, com minha mãe. Ela contava que o Hamilton ensinava, claro, português, e gostava de aproveitar a presença de todo falante nativo da língua para levá-lo a conversar com seus alunos. Como tinha mais tempo livre que meu pai, sempre envolvido com as atividades do Mestrado, ela ia.

E havia o hábito de fumar cachimbo, que meu pai herdou do Hamilton. Na volta ao Brasil, acabou aos poucos deixando de lado. Mas ainda me vejo ao lado dele, da caixa de cachimbos, do cheiro do fumo, das hastes de chenile todas coloridas que eu amava escolher.

E também das frases. Minha mãe contava rindo que, morando na Bahia, e vinda de Minneapolis – sabem como é, 20º negativos no inverno, coisa e tal -, Cherie abria a janela da casa em Salvador todos os dias e sentenciava: “Mais um dia lindo.” Essa frase marcou minha infância, e até se tornou parte de um conto meu sobre Salvador, que está publicado no Brasil.

Mas Salvador tinha sido antes.

A marca do ano e meio que meus pais viveram nos Estados Unidos nunca desapareceu.

Deixou impressões profundas - em meu pai, principalmente. Acho que nunca mais foi tão feliz quanto havia sido ali. Algo dele se perdeu em Minneapolis. Se encontrou? Tanto que, quando lá estive, em 2010, ele já falecido, era com ele que eu conversava: o estado dos dez mil lagos, os gansos migratórios, as ruas da Universidade ao longo do rio Mississippi, os símbolos da UM, a flâmula (ele tinha uma na escrivaninha do escritório de casa), o Gopher, o Mall.

E também os Hamilton.



Imagem 1. Russell Hamilton com Antonio Carelli no campus da UMinnesota, 1967

Ao longo dos anos 1970, o contato entre meus pais e os Hamilton se perdeu, mas as histórias sempre voltavam, povoaram a imaginação da nossa infância.

E então, em 1991, já cursando graduação em Letras, num curso sobre literaturas africanas de língua portuguesa na USP, recebo a ementa do curso e vejo, na bibliografia da disciplina, aquele nome: Russell Hamilton. Referência a seu livro *Literatura africana, literatura necessária*. Não sei que tipo de estalo me deu. Sei que, ainda vivendo com meus pais à época, peguei o papel e cheguei em casa já falando:

_ “Pai, será que este Hamilton aqui, este, da bibliografia, não será o mesmo Hamilton que você conheceu em Minnesota? Afinal, este é professor de português, como o ‘seu’. Afinal, o livro original foi publicado pela University of Minnesota Press...”

Ele cerrou o sobrolho, me olhou e disse: “Deve ser. Muito provável que seja.”

E então reencontrei o Russell, de um outro jeito: pelo livro.

Tempos mais tarde, em 1997, decidi iniciar uma pesquisa de doutoramento que incluísse,

além da literatura brasileira, com a qual já trabalhava, também a literatura angolana. E foi aí que resolvi, com meu pai: vamos de novo tentar um contato com o Hamilton? (tenho dessas coisas... minha rede de afetos é vasta e importante, e às vezes preciso resgatar certos fios...)

Meu pai aceitou na hora. Escreveu a uma professora norte-americana com quem havia se encontrado recentemente na Universidade. Ela deu a vaga notícia de que esse professor, Russell Hamilton, não estaria mais em Minnesota, mas no Tennessee. Por meio de um catálogo de e-mails universitários nos Estados Unidos, ela conseguiu o endereço do professor. Nessa época, Russell já trabalhava em Vanderbilt.

Escrevi para ele, claro – eu e meus atrevimentos. E qual não foi minha surpresa em saber que ele não só se lembrava de meus pais, como naquela altura – já era 1999 -, ele e Cherie estavam a caminho do Brasil para sua primeira visita a São Paulo, cidade onde sempre moramos.

“Diga a ele para se hospedar em nossa casa!”, meu pai me declarou logo. Eu já não morava com eles, mas todos se deslocaram para receber os hóspedes: irmão, irmã, pai, mãe.

E assim foi. Ficaram duas semanas hospedados conosco. Aprendi várias receitas saborosas com Cherie. De nós, ela levou pelo menos uma, publicada em seu livro *Cuisines of Portuguese Encounters*, traduzido no Brasil como *Os sabores da lusofonia*. Juntos fomos visitar Antonio Candido, e meu pai vestiu terno e gravata, homenagem ao antigo mestre. Conversamos sobre literatura, projetos, África, Brasil, amigos. Tomamos vários drinks juntos. Vivemos um pouco em família. Fomos à Universidade, retomamos e iniciamos contatos.

E depois ainda estivemos juntos, de longe e de perto, inúmeras vezes. Falamos muito ao telefone, quando estive nos Estados Unidos em 2001, ainda durante o doutoramento. Meu pai morreu nesse período – eu, ausente. Coisa tristíssima – mas tive os Hamilton ao meu lado, eu nos Estados Unidos, nessa hora e em muitas outras. Fui orientanda de uma orientanda de Russell, Phyllis Peres, muito amada, também recém-falecida, mulher admirabilíssima. Tive a honra de ter tido Russell como um dos arguidores de minha banca de doutoramento, ele vindo a São Paulo especialmente para isso, em 2003.

Ele: “Diga, Fabiana, se sabe afinal o que é tuga, o que é turra, e qual a origem da palavra maximbombo?”

Eu sabia. Afinal, ele mesmo havia me ensinado.

Meu primeiro estágio de pós-doutoramento, em 2010, foi supervisionado por meu amigo querido Fernando Arenas, também um presente de Russell. Nos meses que vivi em Minnesota, morava a três quadras de sua casa, junto ao Lake Calhoun. E Russell brincou com meu filho, então com 2 anos e meio, nos balanços do parque infantil em Dean Court: o “mais-velho” e o “mais-

novo”, juntos.

“Give me five”, dizia meu filho Ricardo.

Para o Russell responder: “Cinco!”

Tenho consciência absoluta da importância, do pioneirismo, da profunda contribuição da vida acadêmica de Russell Hamilton (e de sua inseparável companheira Cherie) para os estudos da língua portuguesa nos Estados Unidos e muito, muito além dali. Como ele mesmo uma vez me corrigiu: “Eu não fui o primeiro a tratar das literaturas africanas de língua portuguesa nos Estados Unidos – porque antes de mim houve Gerald Moser. Fui o segundo.” Mas, em acréscimo a isso, que já é imenso, o que em mim permanece é a lembrança da acolhida, da curiosidade, do afeto que já estava ali, no Mall da Universidade de Minnesota em 1966, diante daqueles brasileiros um pouco perdidos, totalmente imersos naquele mundo novo.

O afeto por Russell Hamilton é herança da minha infância e cultivo da minha vida adulta, intelectual e familiar.

Em mim ficam a voz, os gestos das mãos, o riso sempre alegre e aberto, a amizade e a inteligência viva. E a coragem.

A canção de Caymmi, na interpretação toda dele: “você já foi à Bahia? Não? Então vá...”

As vidas vão-se embora. O que se cria permanece.

E Russell? Give me five. Cinco.



Imagem 2. Russell Hamilton, o filho da autora, Ricardo, e ela. Dean Court, Minneapolis, 2010.